

ITÁLIA DO SÉCULO XIX: em busca de uma identidade nacional 19TH CENTURY ITALY: in search of a national identity

Francisco Antonio de Vasconcelos¹
Thays Kelly Feitosa do Nascimento²

RESUMO: A presente pesquisa teve como problema a ser respondido compreender como se deu a busca por uma identidade nacional pela Itália. O seu recorte temporal se situa no século XIX, especificamente, o período do *Risorgimento*. Num contexto geral, esta investigação se situou no interior de uma série de trabalhos investigativos que o orientador vem desenvolvendo nos últimos anos (alguns sozinho outras com discentes orientandos) sobre o continente africano; e, de modo mais específico, ela foi considerada como estratégia para obtenção de dados que serão utilizados para dar suporte a outra pesquisa que se vem desenvolvendo, dedicada a compreender o problema da identidade nacional na África pós-colonial. Trata-se, portanto, de olhar para a experiência histórica da Itália do século XIX, a fim de obter elementos que ajudassem a ter uma melhor compreensão de uma questão que se apresenta às populações do continente africano, desde as últimas décadas do século XX. Vale ressaltar que se trata de uma pesquisa teórica cujo Objetivo Geral foi compreender como a busca por uma identidade nacional, vivenciada pela Itália no século XIX, se articula com os eventos do *Risorgimento*. A nível de conclusão, temos por exemplo: a) a nação não é algo dado, natural, mas histórico; b) no processo de construção da nação italiana, os interesses de uns se impuseram aos demais; c) a questão da nação italiana continua um problema em aberto.

Palavras-chave: Itália; século XIX, *Risorgimento*; nação.

ABSTRACT: The problem to be answered in this research was to understand how Italy's search for a national identity took place. Its time frame is located in the 19th century, specifically, the *Risorgimento* period. In a general context, this investigation was situated within a series of investigative works that the supervisor has been developing in recent years (some alone, others with supervised students) on the African continent; and, more specifically, it was considered as a strategy for obtaining data that will be used to support other research that we have been developing, dedicated to understanding the problem of national identity in post-colonial Africa. It is, therefore, a question of looking at the historical experience of Italy in the 19th century, in order to obtain elements that would help to have a better understanding of an issue that has been presented to the populations of the African continent since the last decades of the 20th century. It is worth highlighting that this is a theoretical research whose General Objective was to understand how the search for a national identity, experienced by Italy in the 19th century, is linked to the events of the *Risorgimento*. In terms of conclusion, we have for example: a) the nation is not something given, natural, but historical; b) in the process of building the Italian nation, the interests of some were imposed on others; c) the question of the Italian nation remains an open problem.

Keywords: Italy; 19th century, *Risorgimento*; nation.

¹ Orientador: Prof. Adjunto IV da Universidade Estadual do Piauí (UESPI); tem Graduação e Mestrado em Filosofia, Doutorado em Educação e Pós-Doutorado em Ciências da Religião; membro do Núcleo de Estudos, Extensão e Pesquisas Educacionais (NEEPE); desenvolve as seguintes linhas de pesquisa: Religião e Política; Habermas e Educação; Filosofia Africana. E-mail: franciscoantonio@cem.uespi.br

² Bolsista PIBIC/UESPI: discente do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, na Universidade Estadual do Piauí (UESPI). E-mail: tkellyfdon@aluno.uespi.br

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este texto, fruto de uma pesquisa de PIBIC que tem como problema a ser respondido compreender como se deu a busca por uma identidade nacional pela Itália. O recorte temporal considerado foi o século XIX, especificamente, o período do *Risorgimento*. A investigação está situada, num contexto geral, no interior de uma série de trabalhos investigativos que o professor orientador vem desenvolvendo nos últimos anos (alguns sozinho, outros com discentes orientandos) sobre o continente africano; e, de modo mais específico, ela deve ser considerada como estratégia para obtenção de dados que serão utilizados para dar suporte a outra pesquisa que estamos desenvolvendo, dedicada a compreender o problema da identidade nacional na África pós-colonial.

Trata-se, portanto, de olhar para a experiência histórico da Itália do século XIX, a fim de obter elementos que nos ajudarão a ter uma melhor compreensão de uma questão que se apresenta às populações do continente africano, desde as últimas décadas do século XX. Segue um resumo que situa historicamente os processos de unificação e libertação da Itália. A unificação da Itália ocorreu no século XIX, após um longo e difícil processo. Em 1815, a península itálica estava dividida em uma série de unidades políticas: 1) O Reino Lombardo-Veneziano, submetido à Áustria; 2) Os Ducados de Parma, Módena e Toscana, também sob o controle da Áustria; 3) O Reino Sardo-Piemontês, sob o governo do rei Vittorio Emanuele I; 4) Estados Pontifícios, governado pelo papa; 5) O Reino das Duas Sicílias, governado pela dinastia dos Bourbons da Espanha; 6) Outras pequenas unidades.

1. O RISORGIMENTO DA ITÁLIA

A Itália continuava predominantemente agrária, a exceção era o Reino Sardo-Piemontês, onde estava iniciando o processo de industrialização com o conseqüente surgimento de uma classe burguesa. Os movimentos nacionalistas, motivados pelo liberalismo advindo da Revolução Francesa, empenhavam-se na unificação política da península. Denomina-se de *Risorgimento* (1815-1871) o período da história italiana em que aquele país lutou para conseguir a unidade nacional e a sua independência. Inicia-se com o

fim do domínio napoleônico e com o Congresso de Viena (1815), sendo concluído com a anexação do Estado Pontifício e o estabelecimento da capital na cidade de Roma (1871).

Unificar e libertar a Itália não foi nada fácil, mas resultado de muito esforço coletivo e que contou com a realização de três guerras, nesse período: 1848, 1859 e 1866. Em 1848, o Reino da Sardenha era o único que se mantinha realmente independente, garantindo uma certa liberdade de imprensa e preservando suas portas abertas aos patriotas que, perseguidos, fugiam de outros Estados italianos. A *Jovem Itália*, organização revolucionária liderada pelo republicano Giuseppe Mazzini, foi a responsável pelas primeiras tentativas de se libertar a Itália do jugo estrangeiro. A ideia era unificá-la e transformá-la numa república democrática sob os princípios de liberdade, independência e unidade. No referido ano, o grupo de Mazzini, realizou várias rebeliões ao longo da península italiana. Embora tendo sido derrotados pelas forças austríaca, esses enfrentamentos serviram para fortalecer o ideal nacionalista. Desde então, o Reino Sardo-Piemontês (o seu rei era Vittorio Emanuele II e tinha como primeiro-ministro o Conde de Cavour) esteve à frente dos processos de unificação do território italiano. Para Cavour, diferentemente de Mazzini, o *Risorgimento* deveria levar a uma Itália unida em torno do Piemonte, como monarquia constitucional.

Surgiram muitas sociedades secretas, ao longo da península, com o objetivo de lutar pela unidade e independência da Itália. Dentre elas, uma que se destacou bastante foi a Carboneria. Os seus membros eram chamados de carbonari. Em 17 de março de 1861, o parlamento declarou oficialmente a criação do Reino da Itália, tendo por capital a cidade de Turim, mas o território da Itália ainda não estava completo, pois faltava anexar o Vêneto e o Lácio, o que ocorrerá nos anos seguintes graças ao apoio da Prússia: Em 1866, Vêneto foi anexado e, em 1870, foi a vez de Roma, ela se tornou a capital da Itália em 1871. Nesses movimentos descritos envolvendo a Itália, está presente, situado num primeiro plano, a busca por uma identidade nacional por parte dos italianos (FERRAROTTI, 1997). Contudo, não podemos nos esquecer que as discussões relativas à nação é um produto da “história moderna, entre o século XVIII e o XIX” (FOSSATI, 2016, p. 2). Assim, durante o século XIX, os esforços relativos à construção de uma identidade própria fizeram parte do cotidiano de muitos povos, no interior do solo europeu. Em países como a Inglaterra, França e Espanha a consciência e conseqüente definição (ao menos em linhas gerais fundamentais) relativas a serem elas nações, ocorreram já no século XVIII, diferentemente da Itália, portanto.

Naqueles países, a formação de uma consciência nacional vem ligada, principalmente, a instituições administrativas e do governo, e se apoiou em símbolos coletivos, ritos, tradições e representações literárias. Em outros países, como por exemplo a Itália, seja porque tivessem uma posição periférica, na Europa, ou fossem fragmentados e parcialmente inseridos em Estados mais amplos e supranacionais; seja porque foram bastante lentos na constituição de um Estado unitário e independente, a construção de uma consciência nacional ou, mais simplesmente, de uma língua nacional e comum a todos os concidadãos, para não dizer de um “caráter” nacional, esteve necessariamente sustentada por elementos pertencentes quase exclusivamente ao imaginário e à literatura (CESERANI, 2003, p. 35-36).

O passado da Itália nos mostra que ela foi, e continua sendo, repleta de contradições. Isto significa dizer que definir a identidade italiana não é tarefa fácil para os italianos realizarem. Nesse sentido, conforme apontamos acima, o projeto político-intelectual do *Risorgimento* apresentava dois diferentes modelos a serem seguidos: o suíço ou americano (uma confederação de Estados ou Estados autônomos) ou o modelo francês (um Estado centralizado, de tipo monárquico, ou napoleônico, ou republicano). Apesar da relação da Itália ser, tradicionalmente, muito mais próxima da Alemanha do que da França “Os homens italianos de cultura sempre preferiram olhar para a França como modelo ao invés de olhar para a Alemanha” (CESERANI, 2003, p. 37). Entretanto, essa procura por sua identidade nacional pede que sejam colocadas duas questões: O que é identidade? e O que significa nação?

2. IDENTIDADE NACIONAL

A respeito da primeira indagação, as discussões apresentadas no artigo *Teoria da Identidade: Uma Crítica* (RUBEN, 1988) nos ajudaram a entender melhor o significado, a importância e os limites da categoria “identidade”, no que se refere à execução do nosso trabalho aqui proposto.

Meu propósito neste trabalho é indagar a respeito da relação entre valor heurístico e intencionalidade política, no interior da teoria da identidade. Para tanto, será necessário traçar rapidamente o itinerário histórico da teoria da identidade, pois o conhecimento deste percurso permitirá atingir o duplo objetivo de: uma visão da significativa importância política que a noção de identidade adota em algumas das modernas formas de organização social, assim como seus limites operativos para produção de conhecimentos

científicos sobre os processos sociais nos quais, muitas vezes, a própria noção de identidade aparece como a protagonista principal (RUBEN, 1988, p. 75).

Em relação à segunda questão, isto é, sobre “nação”, o texto *Cultura e politica: teorie della nazione* [Cultura e política: teorias da nação] (GOIO, 2021) foi a nossa bússola. Trata-se de outro conceito bastante complicado, portanto, nada fácil de se lidar. Isso vale também para outros conceitos derivados dele:

[...] nacionalidade, nacionalismo, estado nacional. Contudo, uma coisa parece indiscutível: que se trata de conceitos ao mesmo tempo culturais e políticos. No uso comum, a nação é uma comunidade política que se legitima em virtude da própria cultura. A nacionalidade é um grupo cultural que tem a consciência de ser exatamente isto e se esforça para construir a sua própria organização política. O nacionalismo, enfim, é uma ideologia que prescreve que uma nacionalidade (ou cada nacionalidade) tenha a sua própria organização política (GOIO, 2021, p. 9).

A nação não é algo natural, mas uma construção da modernidade. Assim, ela necessita ter seus próprios mitos “a nação, como no passado as comunidades religiosas, tinha necessidade de ritos, festas, cerimônias e mitos. Para se definir e se fundir numa entidade única e rígida, necessitava de se empenhar constantemente em atividades culturais coletivas e da criação de uma memória coletiva unificante” (SHLOMO SAND, 2010 apud FOSSATI, 2016, p. 3) A unidade linguística é um elemento central para se poder levar adiante a ideia de uma identidade nacional. O primeiro documento em italiano arcaico, provavelmente, foi um texto do século XIII, denominado *Laus Creaturarum* (Cântico das Criaturas), de autoria de São Francisco de Assis, escrito por volta de 1224. Nesse sentido, deve-se considerar que “A Itália chegou aos pródromos de sua unificação com uma situação, do ponto de vista da língua, muito peculiar porque possuía a língua comum, inclusive a possuía desde o século XIV e a manteve igual até o século XIX” (ITÁLIA, 2011, p. 2). Uma vez tendo conquistado a unidade política, o passo seguinte foi procurar consolidar a sua unidade cultural. Ela já possuía uma unidade cultural anterior à sua unidade política, foi para essa herança compartilhada que os interesses se voltaram. “O sentido de identidade cultural não havia desaparecido, apesar da divisão da península” (GALGANO, 2011, 1). O *Risorgimento* “finca as suas raízes culturais no Iluminismo italiano do século XVIII” (GALGANO, 2011, 1). De fato, a Itália, “[...] precisou investir nos laços de identidade cultural preexistentes à união

para consolidá-la e comunicar ao seu povo uma ideia de pátria,” (FARIA; REIS; FERREIRA, 2009, p. 223).

É a Itália da cultura que define a sua identidade muito mais do que aquela da unidade política. E a Itália melhor, e mais frutífera, foi a da pré-unificação. É a Itália que se fragmenta em realidades de dimensões relativamente pequenas: os Municípios, as Repúblicas Marítimas, os Grão-Ducados, que produziu grande literatura (Dante, Cavalcanti, Boccaccio, Petrarca, Ariosto e Tasso, até Manzoni e Leopardi). A Itália da grande arte, [...] (ZANETTI, 2011, p. 3).

Certamente, os eventos transcorridos durante o século XIX, na Itália, relativos a essa busca por uma identidade nacional e inseridos nos processos de unificação da península, estão longe de terem sido bem conduzidos. Essa má condução deixa uma herança bastante negativa para os italianos das décadas seguintes: mais de dez milhões de italianos deixam a Itália entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX; as narrativas construídas a respeito do patriotismo e nacionalismo se desdobraram no fascismo e contribuíram para as duas Grandes Guerras. Então, qual unidade nacional cabe atribuir aos italianos a fim de se poder ver melhor a sua identidade como nação? Unidade nas armas e no sangue (de modo algum), na fé (de certo modo), na língua, nos sentimentos e em um passado comum (pode-se dizer que sim). Assim, pode-se dizer que

A existência da discussão sobre a identidade italiana é bastante conhecida pela população e pelos estudiosos da cultura da Itália. A unificação tardia, a grande variedade de dialetos e a diferença de papéis na economia nacional que têm o Norte e o Sul da península impulsionam o debate e a produção de textos sobre o assunto. Em *L'identità italiana* (DELLA LOGGIA, 1998), por exemplo, o autor, no intuito de tentar explicar a atual falta de sentimento de pertencimento nacional dos italianos, oferece ao leitor um olhar particular sobre a história política do país, ao evidenciar o laço entre o catolicismo e a herança romana como a origem do insucesso do Estado italiano. O historiador nota a culpa do “spaesamento” nacional generalizado no comportamento político, desde sempre interessado no desenvolvimento de partes, e não do todo (FARIA; REIS; FERREIRA, 2009, p. 219).

Entretanto, é preciso reconhecer, todavia, que cento e cinquenta anos depois, em nossos dias, a questão da identidade nacional não é algo completamente resolvido para os italianos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, aperfeiçoar nossa compreensão a respeito dos processos de constituição de uma identidade como nação, pelos quais passou a Itália, nos capacita para um melhor aproveitamento, em nossos estudos sobre a questão similar da procura, por parte do continente africano, por sua identidade nacional (fenômeno complexo que envolve os seus cinquenta e cinco países e, espalhadas por eles, as inúmeras nações pré-coloniais). A nação não é algo dado, estável “eterno”, natural, mas é uma construção histórica. Certamente, “ela foi o produto de um longo e complicado processo de desenvolvimento histórico na Europa” (HROCH, 2018, p. 58). Dessa forma, o cenário histórico próprio, em que a unificação da Itália deve ser situada, são as discussões e ventos da Europa moderna relativos à instauração de Estados nacionais, mais especificamente o período dos séculos XVIII e XIX. Nesse sentido, há dois eventos aos quais ela está vinculada, a saber, Revolução Francesa e Napoleão Bonaparte. Entretanto, sublinhamos que o *Risorgimento*, desde as suas origens, está ligado ao passado, à tradição. O próprio termo sugere o retorno de algo que já existiu.

Este apelo ao passado pode ser ilustrado pelos versos do político e grande romancista Alessandro Manzoni, responsável por patrocinar a unidade linguística italiana: “una gente che libera tutta / o fia serva tra l’Alpe ed il mare; / una d’arme, di lingua, d’altare, / di memorie, di sangue e di cor”³ (1962, p. 33-34 apud CASPANI, 2011, p. 3). Esse olhar que concomitantemente via e buscava um só povo, unido por um mesmo território, um só exército, uma mesma língua, uma mesma religião, uma mesma tradição, uma mesma biologia e um mesmo sentimento. Quanto aos franceses, com sua Revolução visavam a novidade, isto é, a construção de um novo mundo. Vejamos as considerações abaixo a respeito do texto de Manzoni:

Estes versos representam, na verdade, o primeiro e mais famoso paradigma da ideia do *Risorgimento*, da ideia de que a Itália, para se unificar verdadeiramente, é chamada a fazer uma Revolução (num texto Manzoni a chamará de Revolução Italiana) de um novo tipo, muito diferente da Revolução Francesa. Reflitamos bem sobre o conteúdo destes versos, os quais nos mostram que o ideal do *Risorgimento* é diferente, não é nada “revolucionário” como o da Revolução Francesa (CASPANI, 2011, p. 3).

³ “Um povo totalmente livre / ou que servirá entre os Alpes e o mar / unido nas armas, na língua, no altar, nas memórias, no sangue e no coração”.

Outro aspecto que merece ser destacado aqui é um fato já lembrado em seção anterior, isto é, no processo de construção da nação (uma unidade formada a partir de partes diferentes) italiana ocorreu algo já visto em outras experiências do gênero, ou seja, o processo de unificação tem a ver com os interesses de um ou alguns grupos que, por serem mais fortes, acabam se impondo aos demais e grosso modo a fisionomia da nova nação termina assumindo os traços do(s) grupo(s) hegemônico(s). A nível de exemplificação, no caso da Itália, repleta de diferentes dialetos regionais, a língua que foi universalizada como língua italiana, na verdade, era a falada em Florença (BERNARDINI, 2012). Assim sendo, pode-se concluir que com a unificação da Itália alguns ganharam, mas outros tantos perderam (HROCH, 2018). De fato, “Sob a forma de discursos variados, a desejada união da Itália sempre foi almejada e produzida pela elite intelectual e governante do país” (FARIA; REIS; FERREIRA, 2009, p. 222). Segundo já foi mencionado em outro tópico, determinados aspectos mal resolvidos dos debates e ações relativos ao nacionalismo no século XIX (seja no caso específico da Itália, seja de modo mais geral na Europa) contribuíram de forma significativa para gerar, no campo da política, tanto as graves confusões vivenciadas pelo continente europeu na primeira metade do século XX quanto o fortalecimento da extrema direita em nossos dias. Finalizando, lembramos que a questão da nação italiana continua um problema em aberto atualmente, esperando ser devidamente equacionado pelos italianos (CESERANI, 2003). Nesta perspectiva, não se deve menosprezar o fato de que é a “falta de sentimento de pertencimento à nação, o que até hoje caracteriza os italianos” (FARIA; REIS; FERREIRA, 2009, p. 221).

REFERÊNCIAS

BERNARDINI, Aurora Fornoni. Prefácio. In. MANZONI, Alessandro. **Os noivos**: história milanesa do século XVII. Tradução de Francisco Degani. São Paulo: Nova Alexandria, 2012.

CASPANI, Andrea. Il problema dell'unità d'Italia e l'identità del popolo italiano. **Lineatempo**: Rivista online di ricerca storica letteratura e arte, n. 18, p. 1-11, 2011. Disponível em: <
<http://www.gigliolazanetti.eu/files/download/4c2c4523787dddcaf569e52be74bf9a1.pdf>>. Acesso em: 8 abr. 2022.

CESERANI, Remo. La costruzione dell'identità nazionale italiana e, in prospettiva, di quella sopranazionale europea. In. **Società e Storia**, v. 10, p. 35-52, 2003. Disponível em: <
http://italogramma.elte.hu/wp-content/files/Ceserani_La_costruzione_identit_nazionale.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2022.

FARIA, Flora de Paoli; REIS, Sonia Cristina; FERREIRA, Julia Scamparini. A Propósito de Identidade Italiana. In. **Revista de Italianística**, v. 18, p. 217-225, 2009. Disponível em: <
file:///C:/Users/mlver/Downloads/a_ProPosito_dE_idEntidadE_itaLiana.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2022.

FERRAROTTI, Franco. **L'Italia tra storia e memoria**: appartenenza e identità. Roma: Donzelli Editore, 1997

FOSSATI, Marco. **L'identità nazionale e i suoi miti fondativi**. Pearson Italia Spa, 2016.

GALGANO, FRANCESCO. **Unità culturale, unificazione politica, giuridica ed econômica**. 2011. Disponível em: <<https://www.unibo.it>>. Acesso em: 19 fev. 2022.

GOIO, Franco. **Saggi sulla nazione**. Trieste: UPI - University Press Italiane, 2021. (Biblioteca della Società Aperta: Studi e Ricerche, 9).

HROCH, Miroslav. Dal movimento nazionale alla nazione matura: Il processo di costruzione delle nazioni in Europa. In. **Nazioni e Regioni. Studi e ricerche sulla comunità immaginata**, n. 12, p. 57-75, 2018. Disponível em: < <http://www.nazionieregioni.it/wp-content/uploads/NR-12-2018.pdf> >. Acesso em: 26 jan. 2022.

ITALIA. Presidenza della Repubblica. **La lingua italiana fattore portante dell'identità nazionale**. Roma: Società Dante Alighieri, 2011. Disponível em: < https://www.quirinale.it/allegati_statici/ebookapp/linguaitaliana.pdf >. Acesso em: 5 out. 2021.

RUBEN, Guillermo Raul. Teoria da identidade: uma crítica. **Anuário Antropológico/86**, p. 75-92 Brasília: Tempo Brasileiro, 1988. Disponível em: < http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas1986/anuario86_ruben.pdf >. Acesso em: 26 set. 2021.

RUGGIERO, Raffaele. Benedetto Croce, Storia d'Italia dal 1871 al 1915 e Storia d'Europa nel secolo decimonono. In. GUARAGNELLA, Pasquale; DE TOMA, Stefania (orgs.). **L'incipit e la tradizione letteraria italiana**, v. 4: Il Novecento. Lecce: Pensa Multimedia, p. 261-273, 2013.

ZANETTI, Gigliola. **Scoprire la nostra identità**: La comunicazione sullo sfondo dei valori culturali. 2011. Disponível em: < <http://www.gigliolazanetti.eu/files/download/4c2c4523787dddcaf569e52be74bf9a1.pdf> >. Acesso em: 2 jan. 2022.